

A saga dos cineastas brasileiros

Enquanto uns acabam com o nome no cartório, outros vendem até apartamento para terminarem o sonhado filme

Cristiane Galvão
de Brasília

Em Brasília, cineastas e profissionais atuantes na área são unânimes ao descrever o mercado de cinema no Distrito Federal. O mercado é incipiente e está “engatinhando”, quando se fala de captação de recursos e finalização de filmes. “O corpo técnico de profissionais está à altura do mercado nacional. Mas, para você iniciar um projeto cinematográfico hoje, prepare o bolso e tenha um bom argumento para convencer os empresários sobre as vantagens do patrocínio”, conta o cineasta e roteirista brasileiro, Mauro Giuntini.

Um movimento local e nacional já avança nesse sentido, com projeto que tramita na Câmara Distrital para instituir exposições sistemáticas de curta-metragens antes das longas. “Isso é importantíssimo, pois os curtas são os primeiros passos do cinema e atualmente não são comercializados pela falta de incentivo”. Com a nova Lei (já houve uma de âmbito nacional que caiu em desuso por ter seu órgão fiscalizador extinto junto com a Embrafilme), o interesse será maior pelo investimento nesse tipo de filme. “O produto passa a ter mídia. Não basta só renúncia fiscal para investir, o empresário quer retorno.”

Autor de cinco curta-metragens e quatro séries para televisão, todas em andamento, Mauro está finalizando o filme **Por Longos Dias**, um documentário, cujo roteiro foi adaptado do prefácio que José Saramago, escritor português, fez para o livro **Terra**, do fotógrafo Sebastião Salgado. A idéia do filme surgiu quando o cineasta documentou a marcha dos sem-terra. Desde então, envolvido pela história, ele se aprofundou no tema e resolveu fazer o documentário contando toda a trajetória daquele grupo.

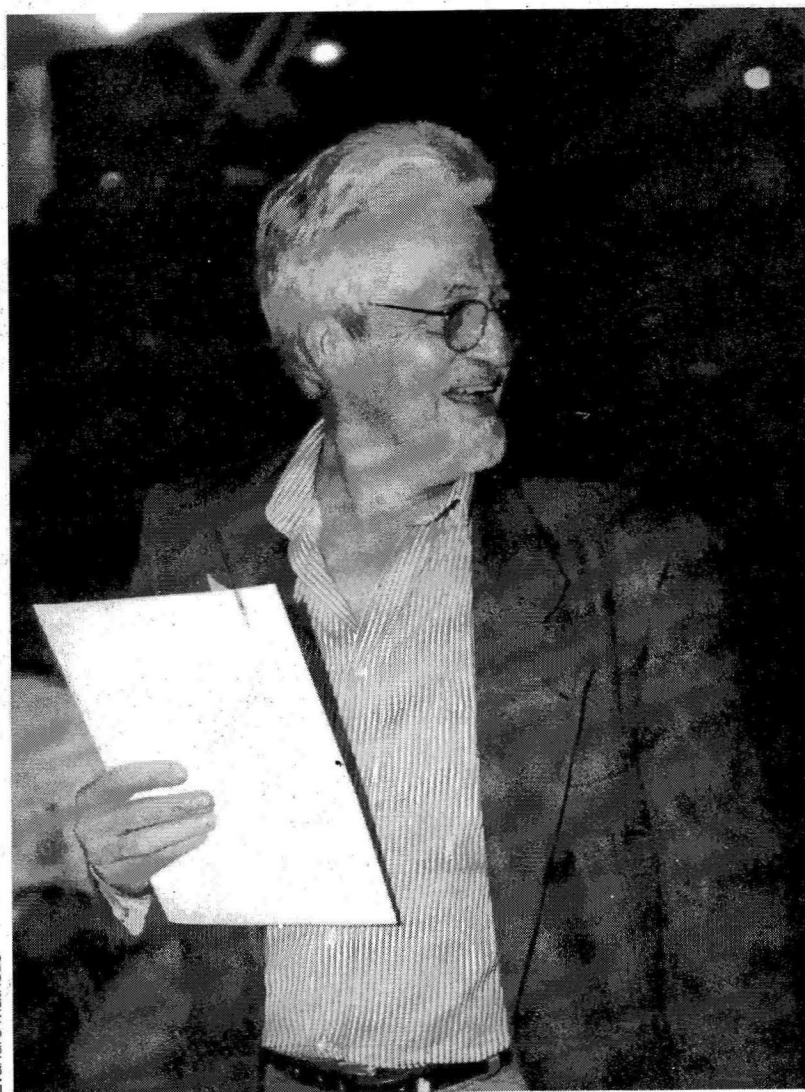
O filme não pôde entrar no festival por falta de recursos para a finalização, apesar de Mauro ter feito muitos *free-lancers* como diretor de filmes publicitários e consultorias para organizações não-governamentais. Com o dinheiro que conseguiu, ele produziu uma fita videocassete e foi de porta em porta das empresas ligadas ao tema, mas não conseguiu muita coisa. “É super desgastante! Continuo e sigo em frente porque me preparei muito, sou formado em Comunicação pela UnB, fiz mestrado no Chicago Art Institute. O que me move é a vontade de aplicar o que aprendi, exercendo a minha função social”, desabafa.

Perseverança

O espírito que move os cineastas brasileiros mistura muita garra e perseverança. Eduardo Belmonte, autor e diretor do filme **Cinco Filmes Estrangeiros** passou por maus pedaços quando fez primeiro filme, o curta-metragem, **Três**, premiado no Festival de Cinema de 1995, época árida do cinema brasileiro. “Meu nome foi parar no cartório de títulos e protestos. A equipe teve que trabalhar de graça, a gente corria para o mercado publicitário, fazia *free-lancers*, indicava o pessoal que trabalhou no filme para fazer os trabalhos também, e assim fomos levando, no sufoco, até o fim. No filme **Cinco Filmes** ... Eduardo resolveu aplicar tudo que aprendeu. Feito com tecnologia e mais profissionalismo, ele foi editado e mixado em São Paulo e teve transcrição de 16mm para 35mm em Nova York, pago com verba do Pólo de Cinema de Brasília, no qual o filme de Eduardo foi selecionado.

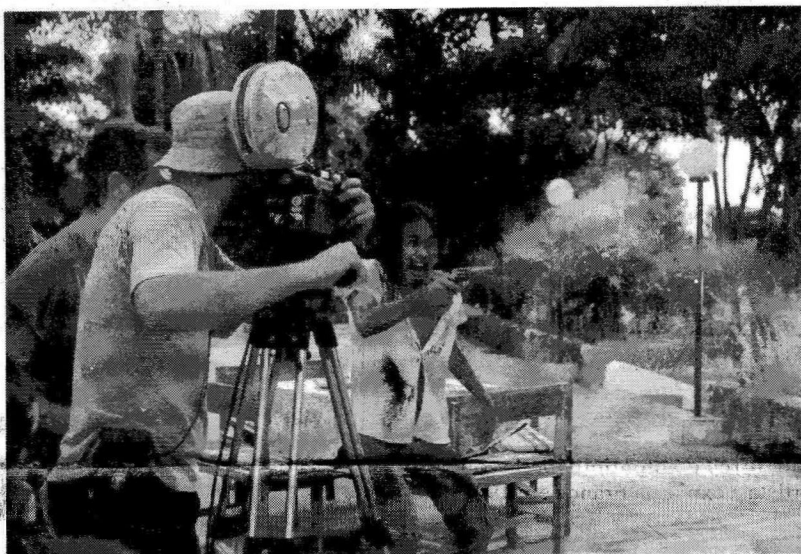
“Foram R\$ 15 mil, só deu pra finalizar mesmo, eu e o Eduardo pagamos a montagem, as latas de filme, e o transporte para a filmagem” conta o produtor executivo, Bento Viana. Ele também reclama das dificuldades com captação de recursos, montagem, e finalização dos filmes na cidade. “Os empresários não investem só por causa dos incentivos fiscais, eles querem um produto comercial. Espero que essa Lei do Curta, que está em tramitação na Câmara Distrital, seja aprovada logo! Além disso, não temos latas de filme, os equipamentos, apesar dos esforços do pólo, ainda são obsoletos, onerando ainda mais o filme com gastos em passagens, alimentação e estadia”.

A trilha sonora de **Cinco Filmes** ... é do **Pato Fu**. O produtor da banda ficou muito amigo de Bento, eles vieram para a cidade gravar um clip com a equipe do filme e em troca fizeram a trilha sem cobrar o cachê.



Evandro Matheus

Accioly garante R\$ 420 mil para finalização de filmes na cidade



Divulgação

Cinco Filmes Estrangeiros, o único brasileiro em 35mm no Festival

Mas, os cineastas da velha guarda garantem que a nova geração brasileira está se encontrando no cinema. “Em 98, teremos uma safra maravilhosa, os paulistas vão chorar de inveja” comemora o cineasta Lionel Lucini. Ele é conselheiro do Pólo de Cinema de Brasília, ex-professor da UnB e já escreveu e dirigiu mais de 20 filmes. Quando questionado sobre a qualidade do cinema brasileiro, Lionel argumenta: “Até hoje estamos vivendo com reflexos da ditadura, uma lavagem cerebral para os mais jovens e acomodação dos mais velhos e os possíveis escorregões que podem surgir. São resultados de uma democracia *light* e de um desinteresse geral pelo nosso País e portanto, devem ser perdoados”.

Essa preocupação com a brasilidade é o principal argumento do cineasta André Luiz da Cunha, ao defender a Lei do Curta. A lei torna obrigatória a exibição de curta-metragens antes dos longos. “Queremos preservar a cultura brasileira achatada pela influência americana”. Presidente da Associação Brasileira de Cinema e Vídeo - ABCV, André briga há três anos por um lugar ao sol para o cinema brasileiro.

Este ano, a Associação fez importantes conquistas, e o Pólo de Cinema abriu três editais, dois para produção e um para finalização de curtas brasileiros investindo um total de R\$ 1,380 milhão. Atualmente, não existe mercado para os curtas-metragem e o mercado de longos se concentra basicamente no Rio e em São Paulo com a venda do filme(exibição) e a venda de vídeos.

“Mercado cinematográfico em Brasília? Aqui nós temos é uma mercearia! E se analisarmos em que pé anda a produção, digo que nunca Brasília esteve tão bem representada, levando em consideração que o curta-metragem atualmente é um produto de cunho artístico e cultural, ou seja, um subproduto da indústria”. Enquanto os cineastas comemoram os bons ventos que sopram, o Pólo de Cinema fez uma parceria com a Funarte e investiu R\$ 20 mil em cursos para as diversas áreas que atingem a produção cinematográfica e teve mais de 400 alunos inscritos. “Tivemos um retorno direto do curso, pois muitos alunos são profissionais e já saíram dali aplicando tudo que aprende-

ram” conta o secretário executivo do Pólo de Cinema, José de Lima Acioli.

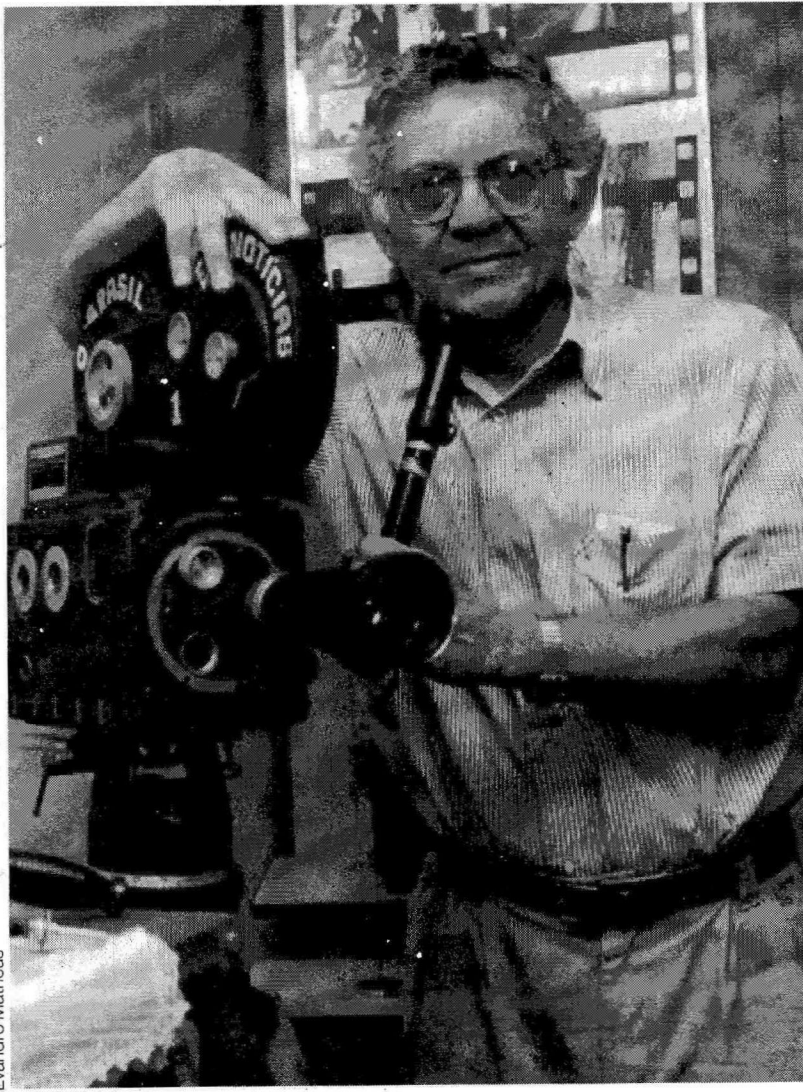
Para o próximo ano, R\$ 420 mil serão investidos em equipamentos. “Estamos preocupados com o futuro, não queremos que aconteça com o cinema brasileiro o que ocorreu com a cultura no País, durante o governo Collor. Vamos criar condições para que o cineasta possa rodar, montar e finalizar seu filme em Brasília”.

Os tempos difíceis são lembrados pelo cineasta Vladimir Carvalho, um dos jurados que selecionou os filmes para o Festival deste ano. Autor de 20 filmes, com dois terços deles feitos em Brasília, ele conta a história de seus conterrâneos nordestinos que vieram para Brasília num filme que levou 19 anos para ficar pronto, teve 7 fotógrafos devido ao longo tempo em que foi filmado e um desfecho cruel.

Desespero

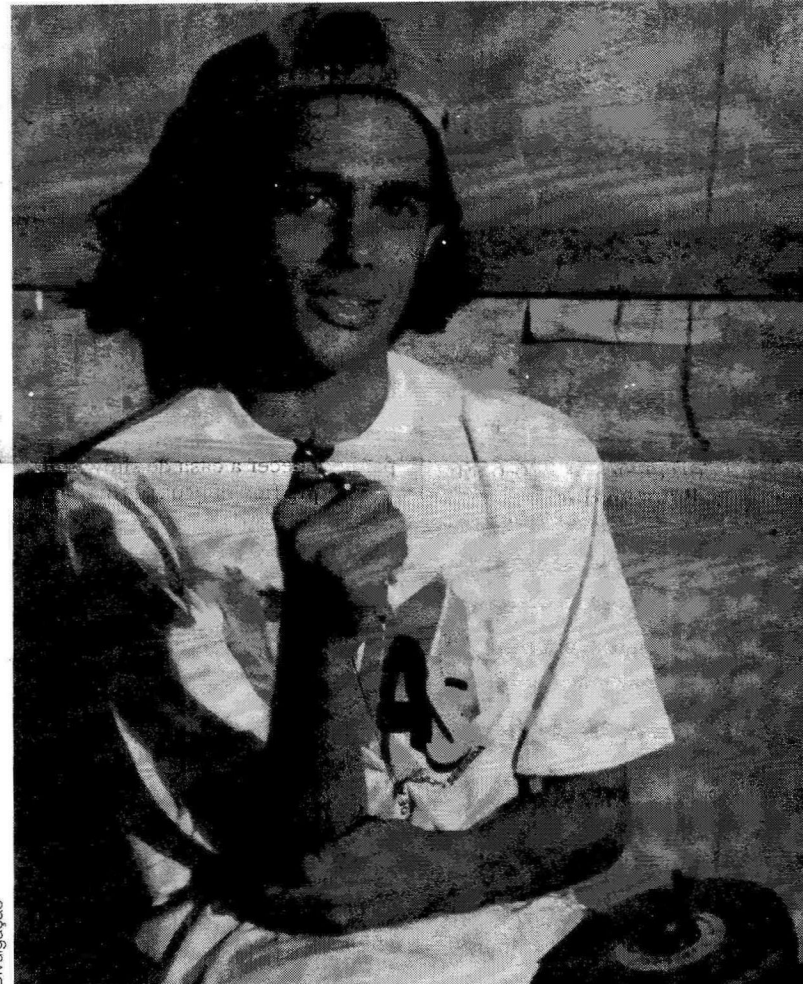
Vladimir vendeu um apartamento para conseguir ampliar o filme de 16mm para 35mm e pagar as contas. “Foi um desespero, o filme virou um laboratório para os meus alunos da UnB que nele trabalharam e viveram parte da história”. Vladimir integrou a 2ª geração de professores do Departamento de Cinema da UnB em 1970. No ano seguinte, começou a filmar o longa metragem **Conterrâneos Velhos de Guerra**, descrevendo a chacina da construtora Pacheco Fernandes, em 1959, durante o Carnaval. Em 1990, o filme foi premiado no Festival de Cinema de Brasília, recebeu o Prêmio Margarida de Prata, os prêmios do Júri em Havana e Gramado e o prêmio de melhor filme do ano dado pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Outro filme, **O País de São Saruê**, onde o cineasta denuncia a miséria, a fome e o subdesenvolvimento nordestino, foi feito na época da ditadura e proibido durante nove anos por mostrar o que o regime tentava esconder. “A nova geração está com tudo, um movimento cultural não surge de uma hora pra outra. Depois do curso de cinema da UnB ter passado por duas extinções em 1965 e 1973 (época de alunos como Tizuca Ya-



Evandro Matheus

Vladimir levou 19 anos para terminar Conterrâneos Velhos de Guerra



Divulgação

René Sampaio, otimista com os novos horizontes do cinema nacional

mazaki) ele volta em 97 com força total. A perspectiva é, no mínimo, promissora”.

O curta **Antes do Fim**, de René Sampaio e fotografia de Marcelo Barbosa comprovam as teorias e mostram que os rapazes estão falando sério. O filme está concorrendo na categoria 16mm do Festival de Cinema e foi um dos contemplados com verba do Pólo com R\$ 7 mil, mais R\$ 4 mil que René conseguiu trabalhando.

“Todos trabalharam de graça e filmamos em um dia. Temos a bênção dos incentivos fiscais, mas com esse pacote a situação é preocupante, e piora com a falta de grandes empresas para investir”, diz René. Com 23 anos e no último ano do curso de Comunicação, ele está finalizando um roteiro que concorrerá à nova seleção de produção do Pólo de Cinema.

O roteiro é projeto final do seu curso. “Estou na UnB há 6 anos pra terminar porque quero finalizar com meu filme. Nunca pensei que pudesse fazer cinema, ainda mais no Brasil. Quando ingressei no curso de Comunicação, o cinema estava renascendo das cinzas, me interessei e carreguei muito equipamento nas costas pra aprender. Agora não largo mais o cinema.”

Após o amargo silêncio da produção cinematográfica com a extinção da Embrafilme, o cinema realmente ganhou vida nova. Durante o governo Itamar, com a aprovação da Lei do Audiovisual, os longas-metragens voltaram trazendo ao circuito cineastas como André Luiz de Oliveira, Pedro Jorge de Castro, Wladimir Carvalho, Roberto Pires, Afonso Braz, Geraldo Moraes, entre outros.

Geraldo Moraes, autor de 3 longas-metragens produzidos em

Brasília, diz que está na cidade por opção e não vê diferença em produzir aqui ou em qualquer outro lugar. “Em Brasília existe um encontro do regionalismo produzindo uma nova maneira de ver o Brasil. É isso que me atrai para produzir em Brasília, São Paulo ou qualquer outro lugar tem o mesmo grau de dificuldades. Nos grandes centros você tem muitas possibilidades e também muita gente concorrendo aos recursos”. Ele comprova sua teoria quando contabiliza os gastos finais de seu filme **No coração dos Deuses**, “Tenho contatos no Brasil todo e no final da minha produção cheguei à conclusão que terminei menos endividado que os demais”, conta.

O cineasta uruguaio e empresário Carlos Del Pino começou a trabalhar no cinema aos 16 anos. Veio para o Brasil quando num encontro cultural dos dois países conheceu vários produtores do Cinema Novo e trabalhou em mais de 70 longas. Chegou em Brasília na crise produzida pela extinção da Embrafilme. Com uma parceria junto à Associação Brasileira de Cinema e Vídeo, montou a Quanta, empresa especializada em iluminação e sonorização.

Atualmente, junto com a Associação, está construindo um estúdio com 850m² que não fica atrás de nenhum no eixo Rio-São Paulo. “Eu tenho contado com grandes descontos e apoio especial, o mercado melhorou muito, mas não acho justo a gente ficar tirando dinheiro do bolso para fazer filmes que projetam o País lá fora, proporcionando retorno turístico e cultural e no final o governo colhe os bons frutos deste trabalho. Queremos mais incentivos para o cinema.”